

ADEMIR LUIZ (ORGANIZADOR)



CONTOS DA PANDEMIA

2 ANOS DO DIA QUE A TERRA PAROU



**CONTATO
COMUNICAÇÃO**

Indústria da Informação desde 1986

ADEMIR LUIZ

ORGANIZADOR

CONTOS DA PANDEMIA

2 ANOS DO DIA
QUE A TERRA PAROU

CONTATO COMUNICAÇÃO

2022

Copyright © 2022 by Contos da Pandemia

Capa: Contato Comunicação

Editora: Contato Comunicação

Editores: Ademir Luiz, Euler de França Belém, Lúri Rincon Godinho

CIP — Brasil — Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-I (1º Região) 3294

C772

Contos da Pandemia. / Ademir Luiz (org.). –
Goiânia: Contato Comunicação, 2022.

132p

1. Literatura brasileira. 2. Contos. 3. Arte
Moderna. 4. Título

CDU: 821.134.3(81)-9

DIREITOS RESERVADOS — É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil – 2022

Índice para catálogo sistemático:
CDU: 821.134.3(81)-9

CONTOS DA PANDEMIA: DOIS ANOS DO DIA EM QUE A TERRA PAROU

Na apresentação do livro *Poemas da Pandemia*, lembramos que o filósofo e compositor alemão Theodor W. Adorno considerava impossível escrever poesia após Auschwitz. Certamente não se trata de uma frase literal, mas seu sentido crítico é evidente. Em todo caso, na ocasião, citamos ainda que a poesia é necessária para pensar, expor, ressignificar e estetizar todas os aspectos da experiência humana. Inclusive as tragédias, pessoais ou coletivas, como a pandemia da Covid 19. A poesia. Mas e quanto a prosa?

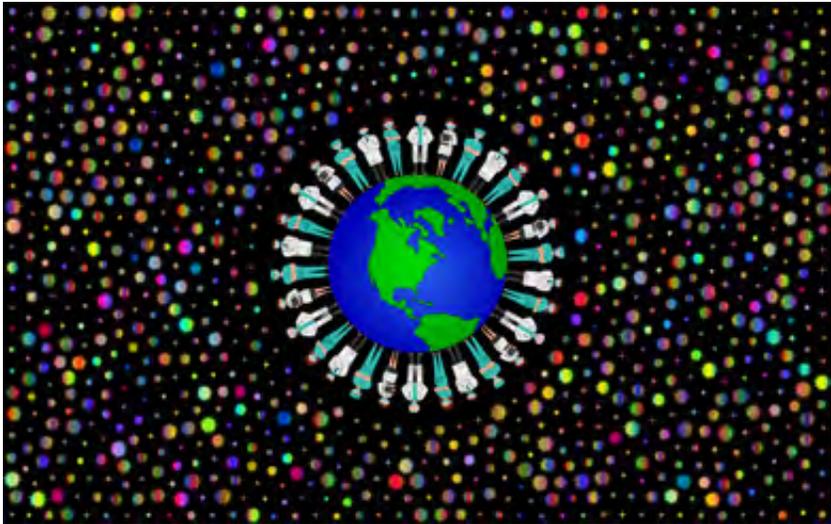
Certamente a prosa, em um registro diferente da poesia, possui equivalente poder de mobilização estética quanto às reflexões e representações de catástrofes, bem como suas superações e desdobramentos. Tanto a prosa longa, romanesca, quanto a prosa curta, em contos e novelas. Esta coletânea de contos, siamês dos *Poemas da Pandemia*, foi organizada tendo em vista essa perspectiva. Também pretende registrar uma data histórica: os dois anos do lockdown mundial iniciado em março de 2020. O famoso “dia em que a Terra parou”.

A ideia foi inicialmente proposta pelo jornalista Euler de França Belém, editor do Jornal Opção, e implementada em parceria com a União Brasileira de Escritores Seção Goiás (UBE – GO) e seus associados e amigos. A Contato Comunicações, com a edição desse livro, fecha o ciclo, transformando o conjunto de narrativas publicadas separadamente na imprensa em uma obra única, coesa.

6 - CONTOS DA PANDEMIA

Os temas se desdobram a partir da premissa base: o medo, a morte, o caos, a política, a esperança e muito mais. Se poetizar é preciso em tempos de crise, narrar também é uma necessidade visceral.

Ademir Luiz,
Presidente da UBE – GO





OS AUTORES

Amanda de Godoi - Historiadora e mestre em sociologia.

C. J. Oliveira - Escritor vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Edival Lourenço - Escritor, ex-secretário de cultura do Estado de Goiás, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Elson de Sousa Ribeiro - Historiador e escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Geraldo Rocha - Escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Giovani Ribeiro Alves - Filósofo e escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Itaney Campos - Membro da Academia Goiana de Letras, desembargador e escritor associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Josiane Adorno - Crítica literária e escritora.

Lêda Selma - Escritora associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás, ex-presidente da Academia Goiana de Letras.

Leonardo Teixeira - Escritor, prestidigitador e associado da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

10 - CONTOS DA PANDEMIA

Luiz de Aquino - Escritor, jornalista, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras.

Luiz Gustavo Medeiros - Escritor vencedor do prêmio Hugo de Carvalho Ramos.

Maria Helena Chein - Escritora vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goiana de Letras e

Maria Luíza Ribeiro - Escritora vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, ex-presidente da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

Nilson Jaime - Superintendente estadual de cultura, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e do Instituto Bernardo Elis.

Sônia Elizabeth - Escritora, advogada, vencedora do prêmio Hugo de Carvalho Ramos, associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás e membro da Academia Goianiense de Letras.

Zanilda Freitas - Escritora associada da União Brasileira de Escritores Seção Goiás.



#CANCELADA

AMANDA GODOI

Há vinte anos, quando Lúcio César, filho da finada Raimunda (Deus a tenha), irmã de dona Cidinha, que o havia criado desde pequeno junto com seus outros meninos, decidiu meter o pé de Cajuzinho e tentar a sorte nos states, a senhora quase teve um passamento.

Não comia, nem bebia, mas lamentava e dizia: onde já se viu, menino criado na barra da minha saia, me abandonar assim, com promessa de vida boa, será que ele acha que existe preçõ na saudade? Quem é que sabe, quantos anos vai demorar para eu poder dar um abraço nele de novo, esse negócio de telefone é bom, mas que mãe aguenta esse tal de quinze/quinze, quinze dias para ouvir a voz do filho quinze minutos.

Mas já pensou, quem de mamando a caducando entre aquelas três mil almas que habitavam Cajuzinho no início de anos 2000, ia imaginar a dona Cidinha todo dia a papear com um tijolão na mão, que não pode se chamar de telefone, porque, além de telefone, também é televisão, câmara, computador, e não é de se duvidar que se bobear até ovo o telefone sabe fritar.

Toda essa tecnologia deixou Cajuzinho de ponta-cabeça, primeiro mudou a forma de comunicação da cidade que ao invés de ser feita através do boca a boca, como na brincadeira do telefone sem fio, em que a notícia ao ser passada de pessoa para pessoa, se perde no caminho e no final não parece em nada com o que foi dito no começo, passou a ser feita majoritariamente nos tais grupos de Facebook e WhatsApp. Foi aí que pude compreender que, independentemente de tempo e espaço, como diz aquele ditado

popular, “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Além disso, esses tais smartphones nessa quarentena de Covid-19 estão sendo de fundamental importância para o entretenimento da comunidade solteira e beata de Cajuzinho, pois são tantas páginas para procurar namorado e fazer dancinhas que quase ninguém sente falta dos Forrós antes sediados no bar de Rosemeire. O Faro que se cuide, pois, se aqui já está desse jeito, imagina o que pode ocorrer com o programa “vai dar namoro”.

Mas nem tudo são rosas, se se souber usar bem a tal da tecnologia até a mentira ela dá um jeito de desmascarar, pois, veja só, que Dolores do mercadinho ali da esquina, após ter se separado de Zé, conheceu um sujeito muito do bem apessoado, dizia ele se chamar Joaquim, ser solteiro e empresário do ramo automobilístico. Não sei como, só sei que Paulinha desconfiou do namoro da mãe e pesquisou, descobriu que Joaquim, além de casado, tem quatro filhos, e trabalha com gambira, mas, nesse ponto, ele até que não mentiu, só usou de sagacidade para enfeitar a denominação que empregariamos aqui para nos referir a sua ocupação.

Outro dia, passou na televisão uma matéria sobre gente que ganha dinheiro na internet, assim como em uma permuta, as pessoas que querem vender algum produto ou ideia pagam para pessoas que conquistaram muitos seguidores para fazerem propaganda nas suas páginas.

Algumas mães cajulopolenses viram a reportagem e ficaram encantadas, pois era uma ótima oportunidade de as filhas trabalharem de casa, fazerem fama e o melhor de tudo ficar na barra da saia das mães. As meninas são carismáticas e sabem manejar as tecnologias, mas precisam aprender mais sobre a profissão, então se inscreveram na plataforma de cursos online do coach (se pronuncia coute) Rafael Smarnkoof para receber a instrução necessária sobre os assuntos relacionados ao público.

A ideia daquelas mães foi boa, admito. No entanto, o cálculo

feito por elas ignorou algumas variáveis, primeiro a cidade atualmente não conta com mais de cinco mil habitantes, e, segundo, a economia daqui é pobre, outrora foi quase que exclusivamente baseada nas plantações de amendoim e na fabricação do doce homônimo ao nome da nossa cidade, agora conta com alguns comércios, mas nada que justifique pagar por propaganda, o que se faz aqui é trocar uma amostra do produto por divulgação.

Ou seja, é muito difícil que as meninas façam carreira nesse ramo, sem ter contatos fora daqui. Mas não é de tudo impossível, a filha do Lúcio Cézar, que de batismo recebeu o nome Maria Carolina Da Silva Souza, Maria em homenagem à virgem santíssima, fez o tal curso com o coach e foi aconselhada a adotar um nome artístico, desde então passou a ser Karol Barreiros, de onde a menina tirou esse Barreiros, ninguém sabe, mas, se quer assinar assim, deixa né.

A Karol ganhou muitos seguidores nas suas páginas de internet, postando vídeo de exercícios, e de receitas saudáveis. Durante meses ela foi o assunto mais comentado na cidade, as meninas se espelhavam nela, e todos queriam fazer em casa as receitas que ela postava, um sucesso só.

Até que estourou a pandemia do novo coronavírus, e o isolamento social foi decretado. Mas nem todos respeitaram, e alguns, além de furar a quarentena, postaram nas suas redes sociais, foi o caso da Karol. Durante semanas, ela postou no Instagram vídeos se exercitando ao ar livre, sem usar nenhum tipo de máscara. Ao ser indagada sobre sua conduta por uma seguidora, a menina fez um vídeo falando que em Cajuzinho não havia ninguém com Covid-19, e por isso estava se dando esse luxo.

Não deu outra, os internautas foram para cima, organizaram mutirões para denunciar o perfil da menina, até famoso comentou o caso, foi um auê só.

Ao ver a repercussão do caso, Rafael ligou para menina, afinal

14 - CONTOS DA PANDEMIA

era uma de suas alunas mais badaladas até então. Porém ela não atendeu. Ele ligou pros pais da menina também e nada. Por último ligou para Dona Cidinha e disse: “Fala para Karol, correr e desativar as redes sociais, pois ela acabou de ser cancelada na internet”. A senhora, sem compreender muito, respondeu: “Mas, gente, se a internet foi cancelada, não tenho que falar com Karol não. Vou reclamar é com a operadora. Como eles cancelam algo que tá pago, os boletos tão aqui”. E desligou para procurar o número da empresa provedora de internet.



OBSCURAS IMPRESSÕES

C.J. OLIVEIRA

Um amigo nosso, depois de muito sofrer pela perda da mulher, bateu com as botas, finou-se. Fiquei sabendo pela filha, que me passou uma mensagem no celular, desesperada.

Obscuras impressões, mais tarde, me trouxeram uma tremenda insônia, a noite longa e impietosa parecia não terminar.

Na véspera, falei com minha irmã sobre o assunto pelo Whatsapp.

– Você vai amanhã ver o corpo? – Indagou ela.

– Não, acho que não – respondi eu.

– E posso saber por quê?

– Por causa da Covid-19.

– Mas ele não morreu de Covid!

– Eu sei. Mesmo assim acho que não vou. Nem você deveria ir.

– Mas onde fica nossa consideração para com ele?

– Consideração e pandemia são duas coisas incompatíveis.

Ela continuou contestando:

– Se fosse o contrário, se fosse alguém da nossa família tenho certeza de que ele iria. Ele sempre foi muito presente.

– É verdade. Nisto eu tenho que concordar com você.

– Então, a família vai reparar. Afinal de contas fomos criados juntos. Éramos quase irmãos.

– Mas não vou – cortei-a pelo caminho.

– Daí, ninguém vai? Nem a mãe nem o pai? Nem um de nós?...

– Não. Esqueceu que nossos pais são velhos. Eles não devem ir a velório. São as recomendações das entidades de saúde.

– Mas eu vou. – Ótimo – disse eu: – Faça as honras da família.

– Mas você deveria ir também! Ele gostava tanto de você...

– Já disse que não, e ponto final! Não insista! – Despedi dela e saí do aplicativo. Fui fazer outra coisa.

Eram quase meia-noite quando deixei o celular para tentar dormir o resto da madrugada. Com a falta de sono atropelando o meu repouso, me fazendo rolar na cama como um verdadeiro noctâmbulo, fiquei pensando no pesar da família, nas inconstâncias da vida, nos dissabores da morte.

No dia seguinte, eu tinha um serviço a fazer bem cedo lá pro lado do cemitério, onde segundo indicações o corpo seria velado. Eram seis horas da manhã quando saí de casa para trabalhar.

No caminho fui pensando no nosso amigo, um cabo aposentado da polícia militar, e que amanheceu morto na cama, conforme relatos. Sofria do coração e nos últimos dias não andava nada bem. Não houvera tempo para despedidas nem lamentações. O óbito o pegara de surpresa. Simplesmente deitou para dormir e não acordou mais. Dormiu pra sempre. Sono eterno. Sono dos justos. Tudo isso fui pensando pelo caminho, ou seja, na morte dele e na morte em si, – terrível susto – que vem como o ladrão noturno.

Ao passar em frente ao jardim dos mortos, repleto de coroas desfalecidas de outros sepultamentos, senti um aperto por dentro, como se as falas de minha irmã ao telefone na noite anterior me atormentassem o espírito. Perdi o controle, completamente. Angustiado, sentia uma voz falando em mim: eu deveria vê-lo, nem que fosse por um minuto, e não deveria jamais perder a ocasião. Afinal, realmente, ele era grande amigo da família. Quase um irmão! Porca miséria! – Fui assaltado, assim, por uma espécie de remorso antecipado (caso não comparecesse), e quando dei por mim, o carro já me guiava ao portão de entrada, como se soubesse sozinho o rumo do campo-santo.

Ao chegar, fui arrastado ao salão principal.

Eu sabia das seis salas de velório, intercaladas por paredes

duplas. Sabia-as de cor de outros funerais. Uma a uma, as revirava na mente.

Logo que cheguei, pude perceber que as do fundo estavam trancadas. Nas duas da frente alguma coisa havia. Na primeira, duas pessoas interceptavam a entrada como se já estivessem lá há um certo tempo. Eu não conhecia essa gente. Então, me precipitei para a segunda, que era bem defronte: a lâmpada acesa. Um vidro transparente vedava a passagem, ao lado de dois enormes vasos de flores pintados de preto. Lá dentro, só o caixão fechado jazia com um chapéu da polícia militar em cima da tampa. Olhei aquela estampa fúnebre, penalizado. Reconheci o corpo como se o estivesse vendo. Só poderia ser ele.

Eram quase sete horas, o dia acabava de clarear, mas não havia ninguém. Um finalzinho de sereno ainda caía da pesada noite fria, mas ninguém havia chegado. A gélida manhã me derreteu os ânimos. Um súbito tremor me atravessou a alma. Éramos, naquele momento, só eu e a urna ali lacrada, à espera de que alguém a abrisse, o chapéu em cima representando o defunto, jogando terra no meu impressionismo.

E agora, o que eu faria ali parado, com as mãos metidas no blusão?

Ao longe, lá fora, no campo verde, percebi um novo féretro chegando na isolada capela – sinistra visão ampliada pelos túmulos em flores a sumir de vista.

Nem cinco minutos se passaram, gente conhecida começou a chegar. Uma delas, provavelmente a filha, desabou no chão iniciando um escândalo. O funesto evento a deixara em desespero. Foi amparada por alguém que a acompanhava. Um cenário triste, típico dos velórios repentinos principiara devagar. Percebi que o clima ia ser tenso. Mal cheguei, a angústia me assaltou, e já queria sair dali, de preferência despercebido. Se pudesse, sairia correndo, talvez evaporasse, sem que ninguém me visse, nem o porteiro que quando cheguei me interpelou. Eu conhecia a todos, mas só abordei o irmão da vítima, que me cumprimentou, solenemente, abriu

a sala e a tampa do caixão, descobrindo o defunto, e deu início à cerimônia. Saímos os dois um momento, pela porta envernizada de lado que também foi aberta, e ali conversamos sobre o acontecido, a surpresa da família ao encontrá-lo morto de manhã e a inútil tentativa de buscar as explicações que não havia. A vida, às vezes é cruel e não escolhe os indivíduos. Completando o desespero de todos, ao fundo, um choro miúdo se ouvia da moça que caíra no chão, um choro surdo e penetrante pelas coisas que não voltam mais.

Eu não tinha muito tempo para permanecer ali, pois o dever cotidiano me chamava. Fiquei mais cinco minutos conversando com meu amigo e seu filho adolescente, que não saía de perto de nós nem um instante, saracoteando em volta como um menino. Ele ficou surpreso em me ver e agradeceu pela consideração de velhos conhecidos. E só depois fiquei sabendo, que minha irmã, após forçar a barra comigo ao telefone para que eu estivesse ali a todo custo, não compareceu, falhando ao velório — ela ia me pagar! Acabei fazendo eu, sem querer, as honras da família.

Eu procurava abreviar aquele encontro, ao máximo; não me continha mais de impaciência, e depois de mais alguns minutos contemplando a urna aberta, saí esbaforido.

Mais tarde, num cartório no centro da cidade, estou na fila para reconhecer firma num documento, quando vejo a dois metros de mim um homem meio de costas, pelos flancos, cabelo castanho aparado, média altura de corpo, com as características do meu amigo falecido, inclusive os gestos. Tomei um susto — estaria eu vendo coisas? O que o morto fazia naquele cartório se o tinha visto há pouco estendido num caixão de madeira? Seria ele mesmo ou uma mera aparição do outro mundo?

À socapa, percebi um sorriso estranho no rosto pálido quando este se virou para mim, e o brilho no brasão do chapéu da polícia militar que o homem usava. O mesmo que eu vi, algumas horas antes, sobre a tampa escura do caixão lacrado.



DISTOPIA VIRÓTICA

EDIVAL LOURENÇO

A mulher foi ao médico, dar andamento ao checkup anual, que já estava bastante atrasado, em função da pandemia. Ao voltar para o apartamento, encontrou o marido sozinho, do jeito que deixou. A diferença é que estava de máscara.

– Você foi à portaria?

– Fui não.

– Quem veio aqui?

– Ninguém não.

– Por que você está de máscara, então?

– Porque eu tava sozinho.

– De máscara, sozinho?!... Você pirou?

– Tô me protegendo.

– Como assim?! Protegendo de quê?! De quem?!

– Do vírus. Vai que eu tô com corona na corrente respiratória.

– E a máscara é pra quê?!

– Eu já te disse. Pra me proteger. Vai que eu tô com corona na respiração. Como eu tô sozinho, não tem ninguém pra dividir o ar comigo. Aí, o ar que sai de meus pulmões volta pra mim de novo. Posso acabar me contaminando.

– Mas a máscara não te protege nesse caso. Acho que até desprotege. Porque você não joga pra longe o vírus que está em circulação no seu fôlego.

– Protege, sim. Porque o ar que sai de mim não consegue voltar. Então, vai saindo, saindo, até eu ficar totalmente limpo.

– É a primeira vez que ouço falar em se proteger contra a autocontaminação respiratória. Você evitar a infecção de você mesmo.

20 - CONTOS DA PANDEMIA

Tá louco?! Se você já está com o vírus, já está. A autoproteção já era.

- Seu raciocínio está errado.
- Você transmitir para você mesmo?! Isso não existe!
- Você tem que pensar que a doença é nova. Cada dia o pessoal descobre um jeito diferente de transmissão.
- Mas esse jeito ninguém descobriu ainda.
- Ainda. Você disse muito bem!
- Não entendo. Pra que você usa máscara, sozinho?
- Quando o pessoal descobrir esse jeito de transmissão, eu já vou estar prevenido.

A mulher, com alguma esperança, supôs que o marido estivesse fazendo esquete ou piada, então ponderou:

- Você está de brincadeira, né!?
- Sério!
- Sério sério, ou sério de brincadeira!
- Sério sério!

Pelo ar de gravidade do marido, percebeu que ele realmente não estava para brincadeiras. O caso era mais complicado do que parecia. Não era mesmo esquete nem piada. Ele dizia as coisas com a mais profunda convicção. Resolveu jogar um agá para testar mais um pouco seu nível de sanidade mental:

- E o autodistanciamento? Já pensou nessa providência não farmacológica de proteção da Covid?
- Não só pensei, como já tenho praticado.
- Verdade?
- Verdade verdadeira.
- Como é que se pratica o autodistanciamento? Certamente, você deve se dividir em dois: Um que é você e outro que não é. Aí faz opção pra ser o que não é e mantém distância de você mesmo. Deve ser assim, né?

– Ficou maluca, mulher?! Assim pode até funcionar. Mas eu tenho um método muito mais simples e eficaz.

– Ah! é?! Como assim?!

– Como assim! Como assim! Você já viu que eu comprei um umidificador de ar, né?

– Claro! A umidade do ar caiu. Você comprou um umidificador. Parabéns pela providência. Mas o que ele tem a ver com o autodistanciamento?

– É que procuro sempre estar dentro da bolha de ar umidificado.

– Mas e daí?

– Daí que eu, estando dentro da bolha de umidade, sofro o efeito paralaxe. Aquela ilusão de ótica de quando você olha para um peixe dentro d'água, tem a impressão de que ele está num lugar, mas na verdade ele está noutro. Então se você atirar nele ou jogar uma flecha, não vai acertar. Porque ele nunca está no lugar que parece.

– Sei. Na bolha de umidade você parece que está aqui, mas na verdade não está. É isso?

– Bingo! Não estou exatamente onde parece que estou.

– E o que tem a ver isso com providência não farmacológica de proteção à Covid?

– Raciocínio nunca foi o seu forte, né? Te explico. Quando o vírus chega, eu estou na bolha de umidade, sujeito ao efeito paralaxe. Ou seja, deslocado do lugar que estou realmente. Aí o vírus tenta me atacar, mas me erra. Que nem o índio inexperiente que atira a flecha no pirarucu no lugar em que ele não está. Assim, por mais que o vírus me procure, não vai me achar.

– Sei não. Com essas neuras, você vai acabar ingerindo Qboa!

– Mas é ruim, viu! Dá uma azia de dragão!

A mulher olhou o marido, como quem olha para um estranho, e quando ele desceu, para buscar a marmitta do almoço, fez uma ligação para a clínica psiquiátrica.

Narrou os fatos ao atendente e não teve dificuldades em contratar ambulância, equipe para fazer condução coercitiva e internação compulsória, por prazo indeterminado.



PROFESSOR VIRTUAL

ELSON DE SOUZA RIBEIRO

Diante do Estado de calamidade, provocado pela pandemia, as aulas presenciais foram suspensas. Ele correu até uma loja de utilidades na Rua 4, no centro da cidade, e comprou um pedestal para o tal “home office”. Achou aquela pronúncia pomposa, porém, artificial e quase inútil.

Após o horário definido, ficou à disposição para aqueles que desejassem aprender, persistindo aquele pressuposto da pedagogia moderna de que alguns precisam de alguém para ajudá-los a decifrar o mundo.

Ligou a câmera com o dilema de sempre: aquele mestre estava ali para ensinar o que ele sabia, para alguém que não sabe, mas que também não queria saber. Os alunos, em sua maioria, estavam ali viciados em respostas prontas e absolutas, pareciam ver o conhecimento como um produto obtido na prateleira de um supermercado, sem levar em conta o que este aprendizado podia fazer por quem o adquiriu.

Logo percebeu que uma boa parte dos seus educandos, após ligarem seus smartphones, desligavam suas câmeras e, provavelmente, se enfiavam debaixo dos seus edredons. Os que persistiam, com raras exceções, esperavam uma aula virtual, porém, tradicional, atrofiando a capacidade de aprender. Lembrou-se de suas aulas na Universidade e na ênfase que seus mestres davam na autonomia do aluno. Veio Paulo Freire na memória e a sua crítica à tradicional “educação bancária”.

O tema da aula naquela manhã era a Ditadura Militar no Brasil. Após a exposição, o professor propôs uma discussão estimu-

lando a participação dos alunos.

– Pessoal, fale comigo! Não me deixem falar sozinho! Este é um tema considerado atual, disse o Mestre. Não houve resposta nos primeiros dois minutos. Parecia não haver ninguém ali. Fez uma chamada aleatória sem sucesso. Resolveu então apelar para uma de suas alunas prediletas:

– Amábily? Você está aí? Indagou o instrutor.

– Estou sim, professor!

– Salve a sua turma! Diga o que você vê na atualidade que possa se relacionar com este tema.

– Professor, me lembrei de um episódio que ocorreu há uns dois anos, quando o presidente da República disse que a Ditadura Militar matou pouco e devia ter matado mais.

– Bem lembrado, Amábily! Completou. Alguém mais gostaria de dar a sua contribuição? Cadê a Ana Madeira?

– Tô aqui, fessor!

– Enriqueça o dia de hoje Ana, por favor, disse o preceptor.

– Me lembro de uma polêmica que ocorreu antes das eleições de 2018, quando o presidente ainda era candidato, elogiando um torturador.

– Carlos Alberto Brilhante Ustra!

– Muito bem! Gente, a Sofia acordou. Mais alguém gostaria de provar que está entre nós? Ironizou o “catedrático”.

– Professor, eu não acho que existiu Ditadura Militar! Retrucou Diniz.

– Sério? E qual é a sua fonte de informação para tal dedução? Questionou o regente.

– Li isso na internet, os militares assumiram para evitar uma ditadura comunista, enfatizou o aluno.

O professor observou que aquela opinião do Diniz também encontrava eco numa quantidade considerável de alunos, mesmo os que não verbalizaram sua opinião. Lembrou para os alunos que

24 - CONTOS DA PANDEMIA

a internet é uma fantástica biblioteca de conhecimentos, mas que exige, por parte de quem deseja ter acesso ao conhecimento, uma filtragem.

– E a pandemia, professor? Questionou João Antônio.

– O critério é o mesmo, João. Você vai dar crédito para quem? Para quem estudou sobre o assunto ou para aventureiros da internet? Indagou o docente.

– E tem ainda os aventureiros políticos, né, professor? Completou Amábily.

Uma notificação na tela do celular dizia que restavam apenas dez minutos para o fim daquela aula quase monólogo. Três turmas do Ensino Médio estavam ali. A maioria deles pareciam não entender que a aprendizagem, além da presença física, precisava das perguntas, do confronto, da reflexão e informações virtuais de fontes confiáveis. Mas isso deve ficar para aqueles que sobreviverem a pandemia.



A IVERMECTINA

GERALDO ROCHA

Juarez não dava bola para resfriado. Sob sol ou chuva, na poeira ou na lama, lá estava ele labutando na chácara. Uma vez ou outra exagerava na exposição ao clima frio, e quando isso acontecia, começava a tossir ou espirrar. Pedia então para Maruca, sua dedicada esposa, aquele chá milagroso que somente ela sabia fazer: alho amassado, sumo de limão, casca de romã e uma pitada de sal. No outro dia estava novinho em folha!

O pequeno sítio ficava perto da cidade, onde eles viviam quase em isolamento, que agora chamavam de social. Imagina as pessoas se cumprimentarem acenando a mão ou batendo o cotovelo. Coisa mais esquisita! – resmungava.

Juarez não gostava de televisão, preferindo o radinho de pilha para se distrair. De manhã, ao tirar o leite das vaquinhas no curral, ele curtiava as músicas sertanejas e ouvia as notícias. E foi assim, através do rádio, que tomou conhecimento do coronavírus. Nome difícil desse bicho, e também da doença: Covid 19! Então, para ele ficou sendo apenas corona.

Nos encontros com os amigos, cada um receitava um remédio. Compadre Severino era bem informado e tinha para todos os gostos: cloroquina, hidroxicloroquina, anita, ivermectina e muito mais. Juarez dizia que o vírus não o pegaria, que tinha o corpo fechado por causa das raizadas que ele mesmo fazia. Quando eles insistiam muito para ele tomar, retrucava que Ivermectina era para o gado. Onde já se viu gente tomar remédio de animal?!

Certo dia ele chegou na casa do compadre Severino e a porta estava fechada. Bateu palmas, gritou oh! de casa! e nada. De

tanto insistir, um vizinho apareceu e disse que o compadre fora internado na Upa da cidade com Covid 19. Informou ainda que a casa estava isolada e a comadre Ernestina de quarentena. Não podia receber ninguém!

Juarez se desesperou. Ele estivera com o compadre na semana passada, então devia ter pegado o vírus. Até estava tossindo, recordou-se. Entrou no fusca folgando a máscara sobre o nariz pois já sentia falta de ar. Dirigiu até a casa agropecuária e pediu um pacote de ivermectina. “Mas seu Juarez, o senhor comprou esse remédio semana passada. Aumentou o gado”? - perguntou o vendedor. “Não é para o gado. É pra combater esse tal de corona” - respondeu ele. “Não é esse remédio seu Juarez. O outro o senhor compra na farmácia” - esclareceu o vendedor.

Juarez foi até a farmácia e comprou o remédio. Já sentia todos os sintomas da Covid 19. Dor de cabeça, febre, tosse e calafrio. Pediu para o farmacêutico medir a temperatura e estava normal. Foi até o posto de saúde, fez o exame e nada foi detectado. Voltou para chácara e depois de três dias não sentia mais nada. Ficou impressionado com a notícia da internação do compadre Severino e isso desencadeou um stress emocional nele. Só que por precaução não deixou faltar ivermectina na prateleira da cozinha. Seguro morreu-se velho.



PANDÊMICO

GIOVANI RIBEIRO ALVES

O instante brigou com o agora, a manhã trará mais um amanhã de lágrima ou de dor?

A República vestiu-se de luto:

– Era tão jovem!

Estamos fartos de ouvir:

- Descansa em paz!

O instante brigou com o agora, quem enxugará a lágrima que ninguém viu?

O carrasco sorri sobre prantos inaudíveis:

– Era meu filho!

– Era minha mãe!

– Era seu pai!

– Era meu esposo!

– Era minha esposa!

– Era meu amigo!

– Era minha amiga

O carrasco diz:

– E daí? A vida continua.

O instante brigou com o agora: Enquanto não buscamos os culpados a sepultura continuará a buscar os que não tinham nenhuma culpa:

– Meu Deus!

– Tão Jovem!

– Foi o vírus?

– Não

– Era o dia dele

28 - CONTOS DA PANDEMIA

– Será?

O instante brigou com o agora: A manhã nos trará mais um amanhã de lágrima?



CONFRATERNIZAÇÃO

ITANEY CAMPOS

O anúncio da pandemia, seguido da contabilização dos mortos, despertou nele justificável cautela. Não se deslocava de casa sem o indispensável aparato da máscara higiênica e do álcool gel, com o qual obsessivamente higienizava as mãos. Apesar das ações aparentemente contraditórias do governo, ora minimizando os malefícios da peste, ora advertindo para os seus graves riscos, João Crisóstomo observava com rigor as cautelas e protocolos preventivos. O distanciamento social era para ele a principal medida sanitária. Não conseguia compreender o porquê dos aglomeramentos, quando os índices de morte continuavam em alta. E se indignava, tomado de cólera santa, quando testemunhava, pela televisão, o presidente da república se aproximando, sem máscara, da legião de admiradores, além de criticar as medidas sanitárias protetivas da população. O político falara em “gripezinha” e agora o país somava, estarrecido, mais de 200 mil mortes por Covid 19.

A mulher de Crisóstomo, Stela Maris, era uma santa, dona de uma paciência infinita. Aposentara-se recentemente, no cargo de professora estadual. O mau humor do marido começava a preocupá-la. Não era uma mera insatisfação, de caráter passageiro, mas algo mais preocupante, quem sabe um processo depressivo que se iniciava. Percebia que o noticiário deprimia o marido, provocava-lhe um irascível mau humor! Passaram a evitar os canais noticiosos da televisão. Percebeu que João já receava abrir as janelas do apartamento e evitava tocar nas correspondências e mesmo a buscá-las na portaria do prédio. Quando não tinha como não descer, para receber alguma encomenda, lavava imediatamente as mãos, ao retornar,

quando não trocava de roupas ou não se banhava. Os temores do marido já assumiam proporções irracionais. E insinuava, cada vez com maior frequência, que ela deveria também comportar-se assim. Saber que alguns vizinhos ainda reuniam-se, com membros da família, ainda que poucos, era motivo de críticas ácidas e até raivosas, exagerando que isso iria acabar contaminando o prédio inteiro. Stela desistiu de ponderar com o marido, de tentar amenizar os seus temores ou sua irritação. Passou a ouvi-lo calada, para não piorar as coisas, ou estimular seu crescente azedume.

A recente aposentadoria do marido, com a ociosidade consequente, e as restrições impostas pela pandemia, não lhe fizeram bem, pelo contrário, faziam-lhes muito mal. Providenciou chás calmantes à noite, para que o sono do marido fosse mais tranquilo e profundo. No início, até ajudou mas logo voltaram a agitação e os pesadelos. As noites mal dormidas refletiam-se no homem iracundo do dia seguinte. Ao meio-dia da sexta feira, tocou o interfone. Era o porteiro avisando que chegara um convite, dirigido a Crisóstomo. Colocaria no elevador. O casal ficou intrigado: convite, em época de pandemia? Era mesmo um convite. A turma de bancários da qual Crisóstomo fizera parte, programava um encontro de confraternização, um churrasco, na manhã do dia seguinte, e, por coincidência, na área de lazer do prédio Alphaville, onde residia o casal e também um dos veteranos do Banco, Mario Lopes, ex caixa executivo, do 6o. andar, um sujeito pedante, seu velho conhecido.

Stela Maris estranhou a reação do marido. Ele que clamava aos céus ou condenava ao fogo do inferno os insensatos que se reuniam ou se aglomeravam, manteve-se silente, embora transparecendo no rosto o sentimento de desaprovação e desgosto. Manteve-se mais calado do que de costume, ao longo do dia. A mulher desistira de decifrar o enigma, ou abrir com ele canais de comunicação. Na manhã de sábado, para o estranhamento dela, o marido vestiu um grosso casaco, embora o frescor da manhã sugerisse apenas um

agasalho mais leve, a ser retirado ao sol a pino. Nada disse, porém, para não irritar o companheiro. Ele resmungou que iria descer, para ver a turma de churrasqueiros. Cerca de vinte minutos depois, uma gritaria cortou o restinho da manhã. Ouviu-se um tropel de pessoas a correr. Vozes desesperadas incitavam a fugir. Stela ouvira espoucos, vários, similares a bombinhas das noites de São João. Mas estava-se numa manhã de maio. Um terrível pressentimento perpassou-a, com a força e a rapidez de um relâmpago. A notícia veio a galope, pelo interfone. Crisóstomo tivera um surto de desespero. Mal chegara à área de lazer, desferira vários tiros de revólver contra os cinco ex-colegas. Ferira três e matara dois. Na mesa, rente a churrasqueira, sangue humano escorria para o chão, misturando-se aos bifés da carne bovina. Além dos corpos dos dois bancários alvejados fatalmente, via-se o atirador, caído ao chão, agonizante.

Após disparar contra os colegas, aproximou a mira do revolver da própria cabeça e acionou o gatilho. Era a última bala do tambor da arma. Tornou-se mais uma vítima da Covid 19 mas não constou das estatísticas da tragédia da pestilência. A causa mortis assinalada foi traumatismo crânio encefálico, por disparo de arma de fogo.



SANTO ANTÃO DO LIVRAMENTO, VALEI-NOS!

JOSIANE ADORNO

Na cidade de Santo Antão do Livramento as pessoas andavam cabisbaixas, passavam por um período complicado, a tristeza e o medo tomavam conta do ar que respiravam, das camas que dormiam, das igrejas que se ajoelhavam, das fábricas que labutavam... A corrosiva e inacabável paúra entrava por todos os lados, até mesmo nos sonhos mal sonhados daqueles moradores que agora viviam desolados. As autoridades gritavam que havia um vírus coroado no ar, a coroa não era de um rei, mas de um demônio que se tornou onipotente, onipresente! Por todos os cantos só se falava e só se pensava no coroado, assim sua onipresença se fazia sempre presente pelas cidades, pelos rincões, em qualquer lugar sem fim desse mundo desamparado. No início as autoridades anunciaram que esse coroado vinha de terras distantes, tão distantes que era difícil de calcular o seu paradeiro; só se sabia que o povo era amarelo, não tinham lá todas as cores que cá tínhamos quando nascíamos. Pelo jeito o coroado quis ultrapassar as fronteiras e se misturar com todo o mundo. Alguns moradores de Santo Antão cismavam e diziam: *quá*, esse trem não vai chegar aqui tão cedo, não carece de tanto desassossego... Mas, qual o quê, não demorou muito e o primeiro a sucumbir foi o compadre José Minervino; o homem morreu em questão de uma semana. O povo todo ficou alarmado! Enfiaram panos na cara e em nada tocavam sem botar

sentido. Um pandemônio danado de alvoroçado. O tempo começou a correr diferente e as pessoas, *empauçadas* até os ossos, não mais se abraçavam, sequer se cumprimentavam selando as mãos, era só um gesto ligeiro, sem graça, sem calor e sem tempero. O povo mal se olhava e se porventura alguém espirrasse ou tossisse na rua, *vixe* Maria, era um Deus nos acuda, alguns moradores mais irritados logo gritavam: *sai pra lá excomungado!* E assim a vida ia seguindo agoniada, o povo se findando nos baldes da tristeza sem saber como contornar tal maldição. Os camundongos e grande parte das ratazanas das autoridades políticas, como de costume, nunca cuidavam do povo direito. A pátria padecia desgovernada. O povo órfão tentando se salvar daquela baita cilada. Sem condições de parar, a maioria das pessoas saía de suas casas para enfrentar o coroadado, que este sim, em qualquer lugar encontrava-se enfiado. E assim, o povo impelido pelas necessidades, seguia para as fábricas, para os mangues, para as feiras e comércios, construções, para os sinaleiros e para as esquinas da cidade... Não tardou muito a caveira esbranquiçada da morte começou a fazer sua dança macabra, eram dezenas todos os dias. No começo a dança era mais democrática, qualquer um entrava na roda, porém, mesmo em face de tamanha calamidade as tais autoridades continuavam sem *dá jeito* de cuidar do povo direito e assim, confirmando a dominância da história do lado de quem sempre a corda arrebenta, os mais fracos de dinheiro foram dançando em maior número primeiro. A história de Santo Antão do Livramento apenas cumpria o papel de ser mais uma nesse mundo injusto de nascença que só sabe oferecer para sua gente oportunidades diferentes, que vem a ser sem rastilho de dúvida, o miolo de tudo quanto há de desavença. Mas tia Valdete sempre dizia que o velho mundo não tem nada a ver com isso, ruim mesmo é a ganância dos homens que vivem em falta com qualquer compromisso. Neste caso desairoso, as diferenças não apenas maltratavam, arrancavam a vida do povo. E o tempo continuava a

passar sem alento, o medo fincou morada e toda a gente andava por corredores estreitos sem chance de sair ou voltar, tinha apenas que seguir em frente sem muita força para reclamar. Desse povo trabalhador, *Seu* Eugênio, dono do bar, lá na praça central, também seguia pelo seu corredor sem poder faltar; a cachaça oferecida há anos no balcão era a garantia do seu arroz com feijão. *Seu* Eugênio aprendeu com os anos a olhar a vida através do seu balcão e de tanto olhar aquele tempo esquisito colocou sentido nalguns camaradas que todo santo dia se embriagavam, reparou que não pareciam preocupados com o demônio coroado, andavam trôpegos, amarfanhados, levavam à boca todas as porcarias que encontravam pela frente e sequer sofriam com uma mera dor de dente! E pelas contas apuradas que só o *Seu* Eugênio sabia fazer, nesse tempo todo que esta peste assolava, nenhuma dessas criaturas tinha sido amaldiçoada! Que coisa esquisita, pensava *Seu* Eugênio, que sentido fazia este mundo? Pois, Dona Ernestina sem nunca tomar um gole de cachaça, sem nunca sair de casa pelo medo da desgraça, tinha tido sua vida ceifada por esta peste sem graça. E esses bebuns, meu Pai Eterno!? Cismava alto *Seu* Eugênio.

Em Santo Antão do Livramento as notícias corriam pela cidade pelas ondas de rádios que noticiavam os mortos espalhados por toda a terra, o mundo em polvorosa, valei-me Nossa Senhora! Mas num desses dias que já ia se encolhendo para a noite entrar, as ondas de rádio propagaram uma notícia danada de aceitar. A voz grave do locutor dizia que os cientistas haviam feito uma grande descoberta e que todos se segurassem porque o fato que seria revelado deixaria todo o mundo assombrado! O silêncio ocupou a cidade, o povo, todo ouvidos, só queria saber da novidade. O locutor sem mais delongas afirmou: a ciência proclamou que as criaturas que vivem embriagadas pela cachaça o coroado não acha graça! O tempo deu uma paradinha... O povo estupefato se perguntava, será o benedito esse raio de cachaça!? Pois sim, confirmava o

locutor empertigado, ficou esclarecido pela tal comunidade científica que se não tomar a vacina, era a manguaça o melhor remédio para evitar tal desgraça. A notícia correu como uma onda gigante que vai derrubando tudo sem deixar rastros para os andantes. As garrafas de cachaça da velha prateleira do *Seu* Eugênio desapareceram em questão de segundos, a correria tomou conta de todo mundo! Salve, salve, a muda que veio da Ilha da Madeira, salve, salve, nossos antepassados escravizados, nosso solo massapê, nossa cana de açúcar, o mosto fermentado da bagaça, do melaço que deu origem a bendita cachaça! E a bebedeira foi geral! Era cachaceiro pra todo o canto, vó Luísa, vó Tonha, tia Catarina e até mesmo o padre Ramiro que, com medo do pecado, benzia a cachaça para aliviar sua consciência, pois aquilo para ele, coitado, era coisa do diabo! Sem que as autoridades comprassem as vacinas, o mundo estava ébrio com a prescrição do tal “remédio”. O povo de Santo Antão matutava, enquanto a vacina não chegasse, o jeito era usar máscara e beber cachaça! E assim, um novo fenômeno foi observado, o povo ébrio, esquecia seus medos, suas dores, suas crenças e seus valores que estavam pregados no passado. A ironia é que havia em Santo Antão uma outra sintonia, mais música, mais poesia e mais alegria! As línguas soltas soltavam suas fantasias, a consciência meio embotada viajava com os sonhos e nem se preocupava com a realidade amaldiçoada. O que se delineava nos horizontes de Santo Antão era que aquele povo pacato permanentemente embriagado, começou aspirar por mais liberdade. As pessoas inspiradas faziam mais amizades, de modo interessante enxergavam melhor uns aos outros, enxergavam melhor os seus próprios desejos e começaram a perceber que a coragem que os levou a beber para salvar suas vidas fez deles um povo unido na luta contra o coroadado que era maior que qualquer outra batalha que já tinham enfrentado. Então, como nunca se vira antes, as asas desse povo encorajado não se faziam mais de rogadas, farfalhavam livres e poderosas principal-

36 - CONTOS DA PANDEMIA

mente sobre as cabeças das tais autoridades. Unidos, exigiam mais respeito, mais igualdade e mais dignidade e se não fossem logo atendidos, imediatamente esses chefes eram destituídos e as autoridades evacuadas pelo povo destemido!

E assim finda-se este conto que carrega nos trilhos da utopia o seu principal vagão. Mas, antes do *Zé Fini* desta história, conta-se que em Santo Antão do Livramento, mesmo depois da peste ter ido embora, agora, com muita sobriedade e coragem, era o povo que tomava conta das ruas e das bancadas, era um povo autogestionário, onde a liberdade, solidariedade, justiça e esperança, tinham agora um lugar de destaque, um lugar revolucionário!



A ESPERA E A ETERNIDADE

LÊDA SELMA

Sofia está feliz. Então, inicia o rito preparatório, repetido a cada vinte e cinco anos, para a especial celebração.

No baú, recolhe peças antigas. A colcha, bordada à mão, cobre o alvadio lençol de linho. Delicadamente, faz da cama hospedaria do passado: a ‘camisola do dia’, em tom rosa pálido. Vestido de renda guipir, amarelento. Farto véu, encimado pela grinalda de flores. E o rosário de ouro, das noivas de várias gerações. Descalços, os sapatos à Luiz XV, aos pés da cama, como se ajoelhados, desvelam saudades.

A intensidade da luz, aquela de sempre, esvai-se das arandelas. Parecem adejar na placidez do quarto, ao tempo em que afloram lembranças. No silêncio das paredes, rastos de segredos. De emoções em vários naipes. De momentos cúmplices, sob risos ou lágrimas.

De jacarandá baiano, a penteadeira acolhe acessórios femininos e o perfume Ma Griffe, toque de requinte, com alma de flor. A passagem do tempo, as manchas senis do espelho, acusam. E, displicente, ele esmerila o embevecido vai...e...vem da mulher. Além da pequena Bíblia, na mesinha de cabeceira, portentosa caixa de joias e o brilho de 74 pulseiras ‘sírias’, em ouro 18k. *Logo mais, serão 75. Apesar de seus 93 anos, meu amado não se esquecerá de colocar mais uma em meu braço esquerdo, o do coração* – sussurra Sofia.

Ao observar a esmerada arquitetura do seu capricho, na reconstrução do passado, ali, estendido sobre a cama, Sofia se entenece. Encantado, o instante. A dialogar com o tempo, sempre

alcoviteiro, a poesia em lirismo filigranado. E o quarto, pronto à visitação. *A vida do amor refloresce em cada colhimento. Agora, é só esperar a noite e toda a alegria que ela trará* – monologa.

Salão banhado de luzes. Flores, laços, cadeiras e mesinhas estilosamente vestidas. Na passarela, alfombra azul-marinho. O esplendor do Ostensório, no altar. E a Sagrada Família, da tela primorosa, a ungir de bênçãos o cenário. Refinamento e expectativa.

– Alô. Sim. Quem gostaria? Misericórdia! Um momento. Vou chamar Susete, a filha de dona Sofia – vocífera a governanta.

Susete, após a voz, em tom enigmático, dar-lhe a devastadora notícia, desespera-se. Seu pai. Desmaio. Ambulância. Hospital. *Deus o socorra! Como contar à minha mãe?! Antes de sair, recomenda à governanta: mantenha sigilo, por favor!*

Sobressaltada, Sofia acorda com o som da chamada. E deixa, no quarto, o sonho abraçado ao travesseiro. Pergunta à governanta quem ligou, onde está o marido (ele nunca sai!) e por onde anda a filha.

(Na verdade, o sonho era a reprodução da realidade. A cada 25 anos, a coreografia da cama reeditava-se. Linda festa celebraria as Bodas de Diamante de Sofia e Higinio. Porém, a pandemia cancelou-a).

Logo, os cinco irmãos rodeiam Susete, no hospital. *A espera tem o tempo da eternidade*, diz, impaciente, um deles. Sofia afasta-se. O médico é categórico:

– Dr. Higinio está na UTI. Entubado. Covid-19!

– Como é possível? Ele cumpre à risca o isolamento! Só a governanta e os filhos têm acesso ao apartamento...

– Tudo é muito novo ainda. Um de vocês, infectado assintomático, pode ser transmissor do coronavírus. Façam o teste!

– Sei que a idade avançada é agravante, mas papai, além da lucidez invejável, tem boa saúde, nem diabético é, doutor. E Deus, o médico dos médicos, também, cuidará dele! Só não sei se mamãe

resistirá a tamanho choque...

O padre dá a dolorosa notícia. Sofia fica devastada. Sente-se mal. Atendida pelo médico da família, deixa a alma gritar que queria ser infectada pelo maldito vírus! E pergunta, amargurada:

– Por que as vacinas não chegaram a tempo, meu Deus?! Por quê? Onde estão os responsáveis?

Na sala, os filhos rezam, inconsoláveis. A tristeza não lhes dá trégua. E as palavras escapolem a esmo:

– O governo não está nem aí. Bando de insanos! – esbraveja a revolta do caçula.

– E nosso pai será mais uma vítima do descaso que gera essa perversa mortandade?! – brada Susete.

– Já relacionei as barbaridades ditas pelo presidente: “E daí?”. “Não sou coveiro!”. “Todos vão morrer um dia”. “Se morreu, é porque era a hora!”. E tantas outras – retruca o filho mais velho.

Após dois meses de sofrimento, Sofia recebe o marido, debilitado, um pouco confuso, porém, vivo. Milagre! Alegria em abundância. Bênção do padre.

Manhã de sábado, verão abrasador, missa em ação de graças pela vida do patriarca. No amplo quarto do casal, decide Sofia. Dr. Higinio comove-se ao ver o carinho da amada: a cama, ainda aquela da noite de núpcias, encimada pelos símbolos que vivificam o passado: vestido de noiva, véu, grinalda... Os mesmos do sonho de Sofia. Ele a abraça, beija-a, sentado na cadeira de rodas. Pede à Susete a caixinha de veludo que a joalheria entregou-lhe no dia da internação. Durante o Ofertório, sob os olhares dos filhos, Sofia recebe o presente: a pulseira ‘síria’. Sob as bênçãos do padre Bonilha, o marido coloca-a em seu braço esquerdo, “o do coração”. E renovam, pela terceira vez, as juras do matrimônio.

Passadas as emoções matutinas, caprichado almoço. Antes, falas emocionadas dos filhos. Carinhos em profusão. Louvações a Deus. Despedidas. Os pais precisam descansar.

O casal direciona-se ao sofazinho, num dos cantos do quarto. *Sentados, a digestão será mais rápida*, diz Dr. Higinio. (Ou, quem sabe, para não profanarem a sacralidade dos momentos personificados sobre a cama).

A governanta apavora-se com o grito de horror! Entra no quarto. Vê Sofia dar tapas no coração do marido, e até tentar o 'boca a boca'. E corre para o telefone.

Sofia abre uma gavetinha. Deixa o quarto. Vai ao barzinho, na sala de jantar. Volta com um cálice de vinho. Chega a ambulância. Os médicos, estarecidos, percebem a tragédia. Os dois de mãos dadas. Ela, com as setenta e cinco pulseiras 'sírias' no braço do coração. No assoalho, respingos do vinho adulterado, como se fosse sangue do amor que não sobreviveria à separação.



PANDEMÔNIO PANDÊMICO

LEONARDO TEIXEIRA

Joanildo viveu tempo suficiente para estufar o peito e golpear na orelha do neófito mundano o palavreado antigo: “eu passava por aqui e só tinha mato!” Depois mostrava os dentes na tonalidade B3 (conforme última consulta odontológica) e aplicava um olhar de desdém, como se a vivência de maior tempo permitisse duas coisas: a soberania diante da geração Z e a vitória por ter conquistado mais memórias.

Thayllanni estava inclusa num dos variados nichos de jovens do ensino médio, de um desses colégios de ensino forte e humanizado, de nobres três salários cada mensalidade, para depois migrar para uma faculdade uniesquina de um salário. Teve contato com a cultura pop e trocava ideias com os medianos nerds figurados, e sabia lidar até mesmo com o “queer” mais “cringe”. Não tinha poster no quarto, mas o fundo de tela do celular dela era uma montagem de Sheldon e Justin Bieber. Certamente, entre um anime e outro ela curti as coreografias do K-POP e as dancinhas do Tik Tok. Essa é a geração que, segundo a Forbes, vai salvar o planeta do seu colapso anti sustentável.

Tanto Joanildo quanto Thayllanni estavam na palestra proferida pelo professor Norberto em 2018, que, entre outras virtudes, previu a pandemia de 2020 oriunda da China. Inclusive citou também a Índia e o oriente como celeiro e pulverizador de vírus, nas anteriores pandemias. Por último explicou o conceito do livro Antifrágil, onde todas as empresas saudáveis deveriam ter em caixa 1 ano do seu faturamento, para sobreviverem ao colapso

de instabilidade financeira. Mesmo se houvesse mais coisas entre o Ganges e o Yangtze, Thayllani acreditava que o apocalipse seria brotado pelos zumbis, mas os conflitos principais seriam entre os sobreviventes humanos. Talvez baseado em *The Walking Dead* e congêneres. A esperança era de um asteroide colidir com a Terra antes ou a inteligência artificial resolvesse todos os problemas da humanidade, principalmente na geração de um algoritmo mais eficaz para deixar todos os seres ainda mais conectados em seus celulares. Joanildo não esperava que realmente o pocket apocalíptico viesse antes das sete trombetas do fim dos tempos.

Todos do planeta – plano ou esférico – vislumbraram a ruptura incauta entre o branco e o preto, o sim e o não, a esquerda e a direita, e toda dicotomia borrifada em ranhuras por especialistas em redes sociais. Arrasta pra cima! Link patrocinado, geração de lead, conteúdo gratuito para que o pitch de vendas te ofertasse uma compra segura a mais um curso de prosperidade dos lançadores 6em7 ou gurus da prosperidade. Eis a nova onda, enquanto seu lobo Covid não vem. Os demais, em meio a massa de comentários raivosos, pestilentos e intolerantes vociferam achincalhes diante das diferenças opinativas. Um estardalhaço em rebuliço que superou a conquista do paraíso. Milhares de cliques atirados como metralhadoras das antigas guerras. As trincheiras de hoje são o falso anonimato que o digitador e o riscador de telas adquirem como colete. Isto de se pensar que sua tela é alheia e distante do alvo como um escudo imaculado. Todo engano é ledado.

Joanildo viveu para ver o fim dos videocassetes e a crise do UBER. Mas não sabia se o corona lhe permitirá ver a próxima batalha entre Jair e Luiz. Ao longo da sobrevivência perdeu muitos parentes e amigos. Aprendeu a não achar estranho os orientais usando máscaras. Viu o aumento exaustivo de assaltos mirando celulares e os infundáveis golpes diários. Sua vida em clausura lesionou uma ruptura sentimental, cuja angústia somatizou o confinamento em ansiedade e

depressão diagnosticada por profissionais da mente humana. Quando jovem queria ser carateca faixa preta, mas hoje é careta tarja preta. E o home office deixou marcas ásperas de uma rotina misturada em cárcere familiar. O mundo online tornou-se o novo hit.

Thayllanni disse que os jovens não aceitaram o parcial lock down. Ainda pululam festejos sem máscaras regados ao bel prazer da balada alcoólica aglomerada. Ninguém suporta mais o fique em casa e o use álcool. Dá pra ver nas ruas a quantidade de carros, os shoppings lotados e os afazeres normalizados, mesmo quando o colapso de leitos são demonstrados. Afinal, a vida ainda urge e desde Aristóteles o homem continua sendo um animal social.

A distância entre Joanildo e Thayllanni foi cortada quando deu match no Tinder. Ele queria uma cópula mas marcou relacionamento sério. Ela queria um namoro sério mas marcou amizade casual. Entre papos binários e farrapos de conquista marcaram um enlace ocasional. Foi quando ambos positivaram no PCR. Da internação para “entubação endotraqueal” foi menos de uma semana. Do tubo para o túnel do além: 10 dias. Não deu tempo de se conhecerem, partilharem sonhos, muito menos constituírem família (normalidades cotidianas de padronizada trajetória).

Entre volumosas discussões online: tratamento precoce, gripe, ivermectina, cloroquina, sommelier de vacinas, palpites pulsantes etc, aumentaram dois números na contagem dos mortos. Apagou-se a fagulha vital corpórea quando esvaiu-se todo o ar do frasco chamado corpo humano. As cabeças, agora sem pensamentos nem existência, seguiram rumo ao necrotério. Ficou o imposto a ser pago, inventário caro, caixão de 3 salários (com coroa de meio salário), e o luto dolorido de quem ficou lá fora sobrevivendo. Velório solitário sem despedida nem louvores. O que cortou o coração de familiares que passaram para crentes recentemente. Dizem que dá pra crer na glória mesmo diante desse movimento sistêmico chamado pandemônio da pandemia! Quem sabe?



AMOR PASSAGEIRO

LUIZ DE AQUINO

*Tocava meu queixo
com a ponta dos dedos,
puxava o meu olhar e,
apaixonada, cantava
para o meu encantamento.*
(L.deA.)

Acabo de me vacinar contra Covid-19. Cumpro essa rotina, agora com dose única, desde que, após três anos, a vida retomou a rotina, ainda que as pessoas adotassem novos procedimentos para a proteção individual ante a nova doença, surgida nas primeiras semanas de 2020. Ao deixar o posto de vacinação, vejo-a chegar com o pai numa cadeira de rodas. Lembrei-me de quando os vi, naqueles dias iniciais da vacinação, em fevereiro de 2021.

Era o tempo da prolongada quarentena, imposta pelo rigor da pandemia que assolou o mundo e a humanidade em plenitude. Uma ordem comum espalhou-se por todo o planeta, pelos lugares aonde chegavam notícias e temores. Nos primeiros dias corria-se às notícias, ora no rádio, ora na tevê, e todo o tempo possível voltava-se à busca de novidades.

Vieram as mortes. Uma em São Paulo, outra mais no Rio, outras alhures e tentava-se alcançar proteção, evitar que o mal atingisse o que se tinha por próximo – mas pouco tempo se deu até que a moléstia se aproximasse. E vieram os casos graves, as primeiras mortes, a incerteza quanto ao tratamento e, súbito, a

morte também chegou perto. A solidão do recolhimento era como a tábua do naufrago: a única esperança de salvação.

Álcool em gel; álcool líquido a 70 graus. Máscaras que, rapidamente, sumiram do mercado e dando lugar à criatividade de costureiras profissionais, além da mobilização em famílias para a feitura da nova peça indumentária, que rapidamente se fez tão usual quanto qualquer peça de roupa no uso quotidiano.

Então, fez-se preciso preencher os dias. Trabalhos domésticos, velhos discos e filmes e os indispensáveis livros. A releitura. Alguns livros ainda não lidos. Livros adquiridos entre amigos e parentes, muito por ler, pois! Mas os dias ganharam cores mortas e odores à beira do insensível. O refúgio escolhido: livros de poemas e romances – uns com o peso bem medido dos temperos inusitados, outros insossos como as frases comuns das pessoas inexpressivas.

Foram muitos os meses até que surgisse a grande esperança – a vacina. Houve o empenho da imprensa e dos médicos, pressão da Organização Mundial da Saúde, e muita gritaria antes que *démarches* fossem iniciadas. Por fim, as primeiras doses e um programa de prioridades quanto a quem seria vacinado primeiro. Aos meados dos meus anos quarenta, sabia que teria de esperar meses e meses até sentir a agulhada no braço para a primeira dose do imunizante. Mas, como repórter, estava sempre em pontos da linha de frente das ações – e, daquele dia em diante, os postos e as filas para a vacina eram a minha pauta.

Corria a terceira semana, ou a quarta, quando a vi. Descia do carro e dava alguns passos até a porta direita, que abriu e acolheu aquele homem, de poucos cabelos grisalhos e alguma dificuldade na locomoção. Deu-lhe, com graça, o braço esquerdo e lentamente caminharam à recepção; em poucos minutos, sorrindo feliz a moça filmava, com o celular, as ações que culminaram com a picada e a injeção segura do líquido salvador no braço do pai – sei porque ela o chamou, como que festejando.

Saquei o telefone e liguei-o para a entrevista, com som e imagem. Nome, idade, profissão... A filha antecipou ao homem idoso e aquela voz deixou em mim uma esperança legítima. Legítima, sim: ela falava comigo como se pretendesse falar mais e, por isso, surpreendi-me ao lhe pedir o número do celular, ao que ela atendeu de pronto, sem receios nem barreiras. Por três ou quatro vezes eu liguei; e pelo menos em duas ocasiões ela chamou. E por sentir que era bem recebido, propus um café.

O primeiro encontro foi rápido, inusitado... No próprio carro à porta de sua casa. Sem medos nem zelos, ela aceitou a porta aberta; entrou e passou-me a mão esquerda, que colhi e beijei, atraído por um perfume delicado, estonteante. Não percebi o instante em que, tirando a máscara e removendo também a minha, ela me beijou. Acho que me mostrei um tanto surpreso, talvez assustado, ao que ela me tranquilizou:

– Você sugere confiança – ao que retruquei:

– Não se cuida?

Sim, ela se cuidava. Costumava ler meus artigos no jornal e acompanhava meu trabalho na televisão. Por isso dizia confiar, mas insisti em propor cuidados.

Não adiantou muito. Já nos beijávamos com sede e lascívia. Ouvei frases de despertar-me delírios, justo após, com decidido atrevimento, acariciar-lhe os seios.

– Eu me excito com muita facilidade – disse ela.

Com delicadeza e segurança, toquei-lhe o peito direito e fiz descer a blusa; divertida, ela explicava com indisfarçável felicidade:

– Vê que meus mamilos são pretinhos? Tenho raízes, orgulho-me delas!

As circunstâncias eram arriscadas, um namoro avançadinho no carro, à luz do meio-dia em rua movimentada... Interrompemos os toques e combinamos para mais tarde. Corri para casa, cuidei de arrumar o apartamento para recebê-la.

À noite daquele mesmo dia, trouxe-a ao meu miúdo e aconchegante apartamento no Marista. Apartamento de solteiro namorador, sempre cuidei de manter à mão boa bebida e comidinhas várias para antes e depois do amor. O ambiente era favorável – afinal, era indispensável preparar o clima de romance – e de amor, quem sabe?

Soube. Eu ansiava pelo beijo morno e molhado, o passeio mútuo das línguas cúmplices, a textura e a temperatura da pele morena. Entre um beijo e outro, ela dizia coisas e eu também murmurava ternuras.

– Vai conhecer melhor meus morenos.

Ela falava dos detalhes afros de sua pele: além dos mamilos e aréolas, os pelinhos bem tratados, aparados, bem como as axilas depiladas e escuras, atestando a origem.

*Tanto mais se amorena
quanto menos roupa tem,
e eu lhe beijo esses morenos
porque sei que me faz bem.*

Por outros momentos, noites ou dias, e outros locais, em viagens escolhidas, amamo-nos com uma intensidade incomum, feliz e árdua. Mas em poucas semanas as rotinas retomaram nossos dias e nosso tempo. Não sei em que momento nos demos conta das ausências, dos silêncios, das mensagens interrompidas. E não mais nos vimos.

Agora, ei-la de novo num posto de vacinas. Trazendo o pai. Cuidando dele.

Afasto-me discretamente... À simples visão de uma cena repetida senti tremerem-me as pernas. Acho que, mais tarde, devo lhe telefonar.

Ou não?



FALANDO DE DINHEIRO

LUIZ GUSTAVO MEDEIROS

*Olha, filho, você não faz ideia, a sorte é que hoje estou com tempo. Sorte pra ela. Azar pra mim. Hm..., e ela repete o *você não faz ideia* e enfia um *a menor* bem realçado entre o *faz* e o *ideia* – e olha pra cima, como se visse um universo inteiro a que só ela tem acesso, antes de voltar a olhar pra mim, sorridente mas nem tanto.*

*Seu pai não é fácil, e antes que ela comece, ok, mãe, só quero falar que o pai tem que cuidar melhor do dinheiro, mas não adianta nada. É que minha mãe acha que conversar é igual jogar xadrez – ela pensa, fala e só muda de assunto quando passa a vez, como se batesse no relógio. Pra você ter ideia, quando a gente noivou, essa história eu conheço mas deixo ela falar, gosto da raiva que ela fica do pai, pode ser que, de noite, fale alguma coisa que surta efeito e ele mude de uma vez por todas, *ele perdeu no jogo e pediu dinheiro pra mim*, e é sempre aí, quando menciona o carro, que a respiração fica mais ofegante, o volume da voz aumenta, *eu tinha acabado de comprar um carro, um fiat 147, tava ze-ri-nhô, e vendi pra pagar a porcaria da dívida.**

Só que eu não lembrava que, de vez em quando, quando conta essa história, ela desvia do ponto principal e agrava a raiva que tinha que ter parado por ali, *mas eu sou burra, faço tudo pelo seu pai e ele é incapaz de agradecer, de elogiar, de falar qualquer coisa bonita pra mim, fico dez horas naquela loja enquanto ele aqui, vendo tevê na cama; e ele não fala nada, nunca*, apontando o dedo pra mim, sangue do sangue dele, *você sabia que seu pai nunca disse que me ama?*, e eu,

não é assim mãe, eu já vi ele dizendo que te ama sim, mas não vi não, nunca, juro por tudo que é mais sagrado, ele nunca disse que me ama, só me resta falar tá e tentar voltar ao assunto principal porque a resposta aos dramas da minha mãe é só uma: divórcio. Mãe, o que eu quero falar é que..., ela me corta com desenvoltura, fala alto e rápido, você acredita que ontem, quando cheguei, seu pai abriu a porta e disse: comprei esses legumes pra fazer sopa, já deixei de molho; praticamente man-dan-dô eu fazer a sopa pra ele, isso que eu tinha saído da loja era quase sete horas e ele tava em casa desde as onze da manhã, no bem bom.

O que eu quero é falar de dinheiro, mãe, é sério, tem que ficar em cima, se o pai vender o apartamento e você não ficar em cima, assumir o controle da situação, ele torra tudo, ela respira fundo e começa outra história, você sabia que seu tio Célio não queria que seu pai ficasse comigo?, e sou fígado como um peixe diante de uma isca carnuda, ué, não queria?, ela solta um é sorridente mas nem tanto, tô te falando, quando vendi meu carro pro seu pai pagar a dívida, seu tio me agradeceu, disse que tinha me julgado mal, aí depois seu pai me falou que, no começo, o Célio não gostava de mim, só faltou explicar o porquê, por que ele não gostava de você?, tem isca que o pescador se arrepende de gastar, ah, é porque eu não era mais virgem, agora baixo, nenhuma desenvoltura, sério?, e ela, é, isso é pra você..., minha vez de interromper, mas que absurdo isso, um universo inteiro que desconheço, mas esquece, filho, falei só pra você ter noção do que eu já passei com seu pai, sei que os filhos tem um passado que existe antes mesmo da existência dele, só que é estranho se dar conta disso, mas você disse que o pai foi seu único namorado, é que o passado dos pais age no filho como uma peça movida errada no início da partida de xadrez, e foi, e eu começo a pensar no que ela disse no início, que eu não faço a menor ideia, não faço a menor ideia do quê?

Então você era mais moderninha, é isso?, e ela mal deixa eu terminar a pergunta, que moderninha o quê, não é nada disso, e começa a me dar ordens, você não tem que sair daqui a pouco?, porque não

tira essa barba horrorosa, ela te envelhece, você fica bem melhor sem, a ordem nunca vem sozinha, traz sempre um comentário sobre a aparência – ela é esperta, sabe que a melhor forma de chamar a atenção de alguém é falando da aparência. Eu te fiz uma pergunta, mãe, você não era virgem antes do pai porque era mais prafréntex, né?, responde com outra pergunta, você levou algum garfo daqui de casa?, tem bem menos, seu pai deve esquecer dentro da embalagem de marmita, de pizza e acaba jogando fora sem ver, tem que ter cuidado, e essa é o tipo de pergunta que é difícil não responder, pode gerar suspeitas, ela pode criar caso e aí, não, não levei, escuta só, mãe, e ela, ai, filho, mãe tá cansada de conversar já, nada cansa mais do que a dúvida, ela fica rondando a cabeça, interfere nos afazeres, no apetite, até o corpo deve responder, sei lá como, mas deve, e eu tô cansado de não ser respondido, cacete, e, no entanto, quanta disposição a dúvida dá, olha lá como você fala comigo, sou sua mãe, não sou sua amiga não, acho que ela vai usar o mesmo argumento pra não me responder, tá, desculpa, mas vem cá, o tio Célio não queria que você ficasse com o pai porque você não era mais virgem, certo?, e nem espero a resposta porque sei que não é a que quero, e o pai é seu primeiro e único namorado, certo?, levanto a voz e sigo o interrogatório de olhos fechados pra não ver a cara de decepção dela com a grosseria do filho, então, ou você era uma jovem mais moderna, sem frescura, ou você tá mentindo e teve outro namorado, ou então tá mentindo e aconteceu alguma outra coisa; tô aqui enchendo seu saco porque sei que você esconde um monte de coisa de mim, o Edu me contou que você conversou com aquela amiga dele que engravidou, a Liana, sabe?, ela respira fundo, impaciente e irritada, mais irritada que impaciente, que indicou uns chás abortivos, o que me leva a crer que você já abortou, e ela me interrompe, ai meu Deus, que saco!, abortei sim, e daí?, foi uma vez, nada de mais, agora chega, não quero mais conversa, fala isso parada, pronunciando bem, abrindo bem a boca e arregalando os olhos, coisa que ela só faz quando está prestes a perder a cabeça.

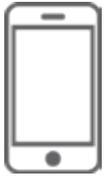
Mãe e pai tem essa coisa de achar que o filho vive ensimesmado, distraído por um brinquedo, desenho ou qualquer outra coisa na sala, no quarto, nunca atento ao que fazem e falam os pais, *mãe, é o seguinte, bobo eu não sou*, e ela, í, vai começar, a sorte é que estou com tempo. Sorte pra mim. Azar pra ela. *Uma vez ouvi você e o pai conversando, de madrugada, acho que era mais que meia noite, e nunca esqueci, você se desculpando, falando: eu não consigo, é difícil às vezes*, e ela senta no sofá, cruza as pernas, põe a mão no queixo e olha pro rumo da varanda, como se quisesse esconder o rosto de forma discreta, *na hora, não entendi nada, eu tinha, sei lá, nove, dez anos, mas hoje...*, e ela desfaz a pose por um segundo, olha pra mim, solta um muxoxo e volta a olhar pra varanda, mão na boca e pernas cruzadas, *e, tempos depois, comecei a associar aquilo com a sua calma quando o pai voltava tarde; você dizia: deixa seu pai se divertir, ele trabalha muito, e eu: quê?, e ela, você vai continuar? já falei que já chega*, e penso mesmo em parar, porque a dúvida também derrota a gente às vezes.

Mas continuo, *sim, mãe, vou*, tentando deixar o papo mais ameno, *a senhora tem que entender que sou seu filho, que te amo, que não sou mais criança e que é importante não ficar cultivando segredinho, sabe?*, mas a velha é safá, *ah, então você me conta todos os seus segredos, é?*, levanta do sofá e dá uma gargalhada alta, feia, dissimulada, *conta porra nenhuma, quantas vezes achei maço de cigarro na sua mochila, perguntei se você tava fumando e você negou, e você quer saber mais?*, prestes a perder a cabeça, *todo mundo tem segredos, não adianta, todo mundo guarda alguma coisa, você é novo, sabe nada da vida ainda*, ou não, vai ver está só querendo me provocar pra ver se mudo meu foco, *inclusive, mal sabe você que, quando ele vender o apartamento, o dinheiro vai todo embora, e não é porque ele vai gastar, mas porque já gastou, tá tudo comprometido*, fico quieto porque esse assunto também me interessa, *você acha que a gente tá pagando as contas como, com os quinhentos reais que você dá?, com o vale alimentação do seu*

irmão?, para pra pensar, seu pai ganha uma merreca de aposentadoria e o INSS ainda desconta uma parte por causa de um empréstimo antigo, essa merda dessa pandemia afundou de vez a loja, seu pai pegou mais um monte de empréstimo, tá devendo fornecedor, condomínio, ipva, a porra toda, e quer saber mais?, para um pouco pra respirar, prepara o bolso porque logo logo ele tá te pedindo dinheiro pra ajudar a pagar o aluguel da loja, já que, pro seu irmão, ele não pede mais nada; tá lá naquele apartamentação novinho do Marista, seu irmão, ganhando um puta dum salário de procurador e não faz um esforcinho pra ajudar eu e seu pai; nunca fez, quero discordar dela, dizer que meu pai, em vez de pagar as dívidas, vai usar o dinheiro pra jogar e apertar ainda mais a corda no pescoço, mas meu foco é outro.

Mãe, por favor, não foge do assunto, parece até que sou um inimigo, alguém que vai te ferrar se você falar o que aconteceu, endireita o quadro que sempre esteve torto e ela nunca se importou, seu pai comprou esse quadro na feira do sol, baratinho, bonito né?, é difícil, muito difícil, preciso ser mais direto, mãe, mais agressivo mesmo, quase ofensivo, deixar a conversa mais grave e insuportável, por favor, pra que ela fale de uma vez, sem pensar direito, olha, mãe, não me leva a mal não, mas já sei que você transou com outro cara antes de conhecer o pai e que você nunca namorou esse cara, ela tira as mãos do quadro, e sei que você tem algum problema com sexo, alguma trava, alguma coisa aí, então me responde, mas não para de olhar, você foi abusada sexualmente, algo do gênero?, abaixa a cabeça e respira fundo, porque isso é grave, mãe, a gente tem que ver isso, foder com esse filho da puta, e seria bom você fazer terapia porque isso é grave, mãe, não dá pra levar pra vida inteira sem tentar superar de algum jeito, se vira pra mim, e o que isso importa agora, filho?, botar alguém no mundo não necessariamente significa compartilhar o mesmo universo com ele, como assim? importa tudo, ela coça a testa, já meio combalida, exausta por estar prestes a perder a cabeça por tanto tempo e não conseguir, filho, me conduz até o sofá, puxa a cadeira e se senta de

frente pro encosto, *senta aí*, e eu só consigo sentir raiva, *ninguém abusou da sua mãe coisa nenhuma, tá bom?*, e dúvida – não sei se dúvida é algo que se tem ou que se sente, ou os dois –, *vou falar, mas isso não pode sair daqui nunca, senão seu pai me larga*, e eu, *tá, fala logo*, fico meio zozzo, como se de ressaca pelo excesso de dúvidas, *eu tive que acertar umas contas pro seu pai porque senão matariam ele, entendeu?*, realmente não faço ideia, *seu pai e seu tio fizeram tanta merda nessa vida que você não faz ideia*, mas quero fazer, *mexeram com gente perigosa, peixe grande*, coisa que definitivamente não sou, *mas o que o tio Célio tem a ver com isso?*, fígado e estraçalhado por um universo inteiro que desconheço.



TELEFONE DE GLÓRIA

MARIA HELENA CHEIN

Telefonaram-me do IML. Glória estava morta. Um arrepio percorreu meu corpo com o choque da notícia, meu corpo que se salvou há pouco tempo da odiosa Covid. Glória morreu e encontrava-se naquela sala também gelada, local execrado pelos tantos e quantos vivos iguais a mim, que temem a morte e suas implicações. Morrerei de quê, de que forma, sozinho? Num hospital, na rua, em casa? Sentirei dor, dormência, medo, pânico? Verei Deus, anjos, almas? Haverá luz ou escuridão?

O telefone tocou outra vez e desligou. Mas quem é Glória? Uma vizinha do prédio ao lado, uma bela moça que se mudou, há menos de um ano, e fazia homens suspirarem e mulheres invejarem seus olhos imensamente verdes. Era mulher de todas as belezas, mesmo com máscara. Dela, pouco se sabia. Permaneciam, em nossa fantasia, as pernas bem torneadas, os seios fartos e os cabelos escuros, margeando as costas. Morava sozinha, no prédio ao lado do meu.

Novamente, o telefonema do IML. Perguntei por que estavam me ligando, e a voz do outro lado sussurrou que, no bolso da calça de Glória, encontraram um papel com dois números de telefone e o nome Maurício. Meu nome. Perguntei rápido:

- Ela morreu de quê?
- Pode ter sido um ataque cardíaco.
- Ela foi para o IML morta?
- Claro!
- Quero dizer, algum hospital a encaminhou?
- Encaminhou, sim. Ela está como indigente.

- Como?
- Dela, não sabemos nada.
- E o outro telefone anotado no papel?
- Ninguém atende, moço. É melhor ir ao hospital e pedir informações. Nessa pandemia, o enterro é feito rapidamente.

Desliguei e corri até o prédio onde ela morava, precisava saber de alguma coisa. Conversei com o porteiro e o síndico, que ficaram pasmos, assustadíssimos e prontos para ajudar. Fomos até o computador ver as fichas dos moradores.

– Aqui só tem um nome ligado à dona Glória. É o da filha Eugênia, mora com o pai em Vitória, no Espírito Santo.

- Então, há uma filha e um marido, deve ser ex-marido.
- Veja o número de um celular aqui.

Ligamos várias vezes, sem sucesso. Ninguém atendia. Somente a voz pedindo para deixar recado. Deixamos vários.

- Quem sabe uma amiga do prédio possa ajudar?
- Ela só tem amizade com dona Hortência, que foi para a casa do filho, desde o começo da peste.
- Vou ao hospital que a encaminhou para o IML.
- Vou com você. Nem nos apresentamos direito. Sou Leôncio, síndico há mais de doze anos.

Olhava-me meio de lado, enquanto eu dirigia. Pigarreou.

- Você conhecia dona Glória?
- De leve.
- De leve?
- Ela estava na calçada do seu condomínio, esperando táxi.

Eu saía para uma corrida, no parque. Foi um olho no olho, parei e conversamos. Marcamos um vinho, para a noite do último sábado. Conversa agradável, muitos risos, ela jogava a cabeça para trás, o que me encantava, e eu me transformava num sedutor. Foi só isso, e a única vez. Ficamos de marcar outra saída. Deixei o meu número de telefone com ela.

– Não saíram outra vez?

– Não. Nós nos encontramos sábado, e hoje é terça.

No hospital público, disseram que chegou morta, trazida pela ambulância. Na bolsa, apenas um batom, chave e uma carteirinha com vinte reais. Nessa pandemia brava, logo mandavam o corpo para o IML.

– Qual a causa da morte?

– Aqui diz que foi ataque cardíaco. Moço, com esse coronavírus matando tanta gente, o hospital está cheio, o trabalho dobrou e o tempo é pouco.

De fato, o hospital era um campo de batalha, doentes chegando, filas de atendimento, vozes, médicos e enfermeiros indo e vindo, funcionários dando informações, pessoas cuidando da limpeza, tanta gente e tanta coisa! Leôncio e eu saímos lambuzando as mãos com álcool. Joguei minha máscara no lixo e peguei outra, no porta-luvas do carro. Seguimos calados, a infelicidade do mundo calcando nossos ombros, enquanto o bicho invisível fazia mortes. No mesmo lado das angústias, das infelicidades, dos medos, os políticos dividiam opiniões e ódios.

Chegamos. Paramos em frente ao prédio do síndico e ficamos estarecidos. Na calçada, Glória, ao lado do porteiro, contava algo engraçado, porque ambos riam. Ela nunca esteve tão radiante, mesmo de máscara. Descemos do carro, com todas as emoções se acotovelando no peito, pensamentos se emaranhando num grande nó e a certeza de que aquela mulher era Glória. Glória sempre seria aquela mulher.

Do corpo, no IML, nada sabíamos. Do papel com meu nome e telefone, também não. Mas amanhã é o dia seguinte, tempo para qualquer coisa, cobranças e dádivas, abalos.

Hoje, vou conversar com Glória.



LOUVA-A-DEUS?

MARIA LUÍSA RIBEIRO

Cristina estava sozinha em casa, se é que aquele cubículo poderia ser chamado de casa. Era mais um canto de dormir em terra de estrangeiros. Trabalhava muito: às vezes faxinava até três casas em um só dia. Chegava à exaustão. Mas o propósito era pagarem as dívidas e juntarem o quase tudo que ganhassem, fazerem as despesas dos filhos ainda pequenos e, com a ajuda de Deus, comprarem uma casa e se livrarem de pagar o aluguel da mãe, que ficara no Brasil tomando conta das crianças. E mesmo sendo sonho grande demais para a alma brasileira, quem sabe um dia, levarem os meninos para pular as ondas e comer espetinho de camarão em alguma praia.

Encarar o longe, abrir mão do convívio familiar foi uma decisão muito difícil, mas uma questão de sobrevivência. Pequeno é o país que não consegue encher a represa e nem estancar o ladrão. Mas fazer o que? E lá fora também não estava fácil, distante ficara o tempo em que era possível voltar do estrangeiro com a dinheiro para empreender. Nascer no brasil agora era a volta da escravatura. Partir era a escolha imposta, complicada, mas necessária. E nesses casos é proibido ter medo porque o risco é menor que a fome. E chegar ao destino mais complicado ainda. O mundo mudou e para pior.

Administradora de Empresas, desempregada, manicure por falta de opção, Cristina aventurou-se a ser motorista de aplicativo mas perdeu o carro em assalto. Vendia Avon, Natura e batom importado, mas ultimamente as clientes já não estavam nem mais fazendo as unhas todas as semanas. O que dava um certo alívio era

que Everaldo trabalhava como vendedor em uma loja de materiais de construção e estava conseguindo atingir as metas porque tinha talento para vendas.

Um Louva-a-Deus aterrissou na pequena escrivaninha. Ela nunca havia imaginado que naquele país existia Louva-a-Deus. E lá estava o bicho-esperança, verde como a alma dos brasileiros. Cristina nunca tinha percebido que Louva-a-Deus tem olhos e, lá estavam, olho no olho, ela e aquele folha-viva que segundo sua avó Mariana carregava a magia de trazer a sorte. O inseto não se movia, mas mostrava presença e passava uma energia de jardim. A moça também cuidava em não se mexer com medo de espantar a sorte. E sorte a gente ganha e guarda. Por um instante chegou a pensar em aprisioná-lo em um copo, mas parece que o pensamento vazou-lhe pelo olhar e ele percebeu. Encarou-a de um jeito tão peculiar que Cristina sentiu-se pequena diante daquela possibilidade de tamanho desrespeito à vida animal.

Mãe,

Por que esse Grilão é verde?

Porque ele é um bichinho sagrado que parece grilo mas não é grilo e que se chama Louva-a-Deus

Se a gente prender ele no copo ele fica maduro e amarelo?

Ela se afastou da escrivaninha e se deitou na cama. Agora era só saudade.

Yúri e suas perguntas, sua imaginação, seus olhos irrequietos que pareciam querer ver o mundo inteiro num piscar; Fernanda a desenhista de corações que prometera ajudar a avó a cuidar do menorzinho até que estivessem novamente todos juntos em uma casa grande e Thiago, o caçula, que ainda ensaiava os primeiros passos. Teria que se contentar em vê-los crescerem pelo vídeo, sem abraços, sem mimos e sem o cheiro inconfundível de cada um.

Era uma tarde de Janeiro, Everaldo chegou em casa com um olhar diferente, ficou meio sem jeito quando Yúri o abraçou,

recebeu sem alegria o desenho de coração que Fernanda lhe deu e foi direto para o banho. Era a primeira volta do trabalho após o recesso de fim de ano. Estava muito preocupado, pressentira alguma coisa no ar, o chefe não o olhara nos olhos e até o evitara no café da copa.

No dia seguinte foi demitido somando-se aos mais de 14 milhões de brasileiros desempregados

O Louva-a-Deus continuava lá, ainda não sei se vigiava Cristina ou se escondia do frio.

Everaldo bem que poderia tirar uma folga do cansaço! Era sempre a mesma espera. O pub em que trabalhava fechava tarde e o namoro era a cada noite mais minguado. Não sobrava tempo nem para sonhar.

Os primeiros casos de Covid-19, as primeiras mortes, as contaminações em uma velocidade assombrosa tomavam conta das redes sociais, dos noticiários e do Planeta. Instalada a pandemia: o inimigo invisível à espreita de toda a humanidade.

Hospitais lotados, cemitérios improvisados, corpos jogados em valas sem despedidas e sem funerais, o mundo se transformando em uma explosão de mascarados, bombardeios de informações e desinformações. O caos.

“Deus, ó Deus! onde estás que não me respondes? Em que mundo em que estrela tu te escondes embuçado nos céus?”

Os pubs fechados, as ruas desertas, as escolas sem alunos, os idosos aprisionados longe das crianças e com medo da peste, sem poder sequer ficar ao lado dos filhos. Todo mundo sem ninguém, sem abraços, sem norte.

O cheiro de morte no ar, as lojas e casas noturnas fechadas, o receio de contaminação deixou as faxineiras e as faxineiras sem trabalho e Everaldo e Cristina decidiram retornar ao Brasil.

A viagem de volta foi mais longa mais dolorosa e comeu os euros guardados a custa de muita renúncia e vida de precisão.

Caminhando lado a lado com olhos de abandono, Everaldo e Cristina divisaram a pequena casa onde deixaram os filhos. E, ainda do meio da rua, viram suas crianças soltas e sujas sem creche, sem escola e sem governo no quintal escancarado. Lá dentro uma avó sem tempo, tossindo, ofegante e com frio, confeccionava máscaras e fazia promessas.

Angustiada, percorri o mundo inteiro procurando o Louva-a-Deus com sua cor-esperança trazendo sorte.

Mãe, olha aí, de novo o Grilão verde, será mesmo que ele nunca amadurece?

Ele tem que ser sempre verde para trazer a sorte.

Por que ele não a trouxe para o papai e para a vovó?

O Louva-a-Deus sempre traz sorte. Só que a sorte deles foi diferente da nossa.

Ceguei bem perto do louva-Deus e perguntei a ele qual seria a sorte que ele trazia para Cristina, Yúri, Fernanda e Thiago.

Ele baixou a cabeça: a mesma de milhões de brasileiros: a esperança de sobreviver.



VEREDAS E TUCUNS

NILSON JAIME

A sensação é de que respirava dentro d'água. Pior. Que se afogava no seco, como peixe ofegando fora do rio. Sufocamento, queimação nos brônquios, dor lancinante nos pulmões encharcados. Dispneia: desconforto e redução da consciência, agitação e confusão. Não sabia por que, mas lembrou-se das aulas de química analítica na universidade, havia tanto tempo. As imagens iam e vinham, bruxuleantes. Odor nauseabundo de enxofre, estanho ou manganês, não soube precisar. Tinha que adivinhar a substância pela cor das chamas do bico-de-Bunsen, ora verde, ora azul-violácea, rosa, carmim ou fumo. Não via sentido naquele blasonar de conhecimentos inúteis, sob as piadas infames de jovens imberbes e empertigados pela recente aprovação no vestibular da Federal. Ainda mais agora que sentia frio. Muito frio!

– É Sidra! Coloque em prona!

Em sua mente desconexa percebeu que a ordem partira do homem de branco com óculos anchos, aos ser virado em decúbito ventral, sobre o colchão desconfortável. Seus olhos apareceram esbugalhados como jabuticabas, entre os fundos de garrafa e a testa proeminente, enquanto vaticinava:

– Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo, por Pneu-monia viral, provavelmente. Faça uma TC! Ordenou convicto o infectologista.

A febre persistia há quatro dias. Tosse seca, cefaleia, diarreia, perda de olfato, astenia. Nunca se sentira tão fraco e severino. Procurava apreender cada palavra em busca da compreensão de seu mal. Uma doença mortal, certamente: sorologia, acianótico,

sialorreia, sepse, plaquetas, coagulograma. Aquele palavreado dito assim, solenemente, não podia indicar boa coisa. Talvez tenha se contaminado com aquele céσιο, cujo número não se lembrava mais.

Voltou às tardes primaveris de 1987. Via homens com trajas brancas de astronautas num zum-zum incessante pela Paranaíba, no centro de Goiânia. Ou seriam roupas amarelas? Filas intermináveis de pessoas aguardando a vez de descobrir se tinham ou não se contaminado com o gás letal. Uns diziam não ser gás, mas uma pedra que brilhava no escuro. Terá o mal escapado do depósito provisório em Abadia? Se é provisório, por que a demora, há tanto tempo? E se o gás escapou? Como terá se contaminado e o que fará para se curar? Terá cura? Não conseguia pensar. A dor nas juntas e na frente era intensa.

O capacete VNI foi retirado. Fariam uma intubação orotraqueal. E – por Nossa Senhora da Abadia do Muquém! – não se lembrava do número do Césio, se 187 ou 257. Teria ouvido tratar-se de um vírus? Ou estaria delirando? Uma doença pandêmica? Não importava. A fadiga tornou-se insuportável. Literalmente estava chupando o ar em busca da molécula de oxigênio salvadora. Mas nos pulmões só havia um fluido macilento e viscoso de metabólitos da tempestade de citocinas no organismo moribundo. Sentia o respirar como caminhar sobre os charcos, ou pelas veredas ilhadas no sertão Cerrado. Não conseguia usufruir da beleza dos buritizais por medo das sucuris, jacarés e espinhos de tucuns. Como fora se contaminar com céσιο?

Sentia sede. Sentia frio. Sentia medo e ansiedade. Desejava coçar a traqueia, mas não tinha forças. Cada respiração era uma dor, um ai, um dó! A cianose tomara-lhe mãos e pés. Não sabia se dormia ou se acordara. Seria assim a morte? Ou estaria no purgatório, prestes a passar para a vida? Que raios de purgatório era esse com azitromicina, midazolam, noradrenalina e fentanil? Que vida era aquela com gente usando máscaras com medo de pandemia?

Já não sente aflição. O ar fresco das campinas, o aroma da sucupira e das melíferas colmeias do Cerrado lhe penetram, lépidos, as narinas, como um sopro de vida, ou de morte. Ouve o canto do jaó, da seriema e das araras, num alento. Já pode andar livremente pelas veredas, ao balançar das folhas palmáceas dos buritizais, da miríade de borboletas em paná-paná, sentindo o roçar das flores cerratenses, sem medo de sucuris, jacarés e espinhos de tucuns. Livre de máscaras e da peste.



ÁLIBI

SÔNIA ELIZABETH

Começou que veio o toque de recolher e eu tive que ficar preso em casa. Ruas desertas, tortas, feito aquelas do velho oeste, onde o único ruído era a leveza de fenos voando ou rolando ao léu. Deserto. Assim foi o começo. Apenas o essencial acontecendo. Tinha o costume de happy hour todas as sextas, no mesmo barzinho, com a mesma atração musical de sempre. Amigos, a turma da maturidade. Mas tive que cismar sozinho, absoluto em meu habitat. O pé na rua, apenas com olhos e boca cobertos pela máscara, um pote de gel ou álcool setenta nas mãos. O inimigo em volta, esperando um descuido.

Daí que o final de semana veio correndo. A goela seca esperando o líquido cevada, o paladar suspirando pelo tradicional tira gosto. Ainda em terno escuro (assim meu ofício exige), carreguei de casa uma mesinha para a frente do bar fechado, vigiado pelos fiscais à solta, e sentei-me sozinho à porta, no mesmíssimo lugar de sempre, eu e meus fantasmas escolhidos, posição de espera, imaginando que a prisão duraria apenas uns quinze próximos dias.

Meu olhar em labirinto, assustado (em estado de terror). Eu, despatriado, como se fosse o único sobrevivente de uma guerra sem corpos nas alamedas. Eu, com a cerveja que trouxe, o copo nadir figueiredo, cumprindo meu ritual, decidido a permanecer firme em meus hábitos e costumes. Nada ao redor, nenhum mosquito para incomodar, nenhum cão de rua à espreita de algum naco de carne. Todos respeitosos, menos eu.

Um fecho de luz parecia vir de alguma direção, iluminando-me. Parcial. Metade fecho, metade escuridão. Ofereço o primeiro

gole ao diabo que o parta, pois Deus deve estar distante de todo esse enigma, de todo esse tédio. Não acredito que o Pai esteja metido nisso de confinar a humanidade. Não creio nisso não. Semana passada eu me esbaldei em risos e bebedeiras. Parecia até que o fim do mundo estava próximo e eu adivinhava isso. Como se uma voz do outro plano me dissesse: “aproveita que logo estarás de castigo”. Essa luz impressiona-me. Na solidão torturante parece que escuto uma sinfonia de Bach, mas é só impressão minha. Talvez já um ensaio de loucura. E confesso: nunca apreciei tanto uma cerveja como essa. Parece a melhor de todas, mas não é. Faltam pessoas nessa mesa, diálogos, risadas, conversas jogadas fora. Falta o violão em ritmo de bossa nova, uma voz que se confunde com a noite, um pileque daqueles de chamar um táxi...ops...hoje é uber. Falta o bolinho de arroz, aquele último que fica no prato e ninguém quer pegar sob pena da alcunha de deselegante. Falta o guardanapo onde a gente escreve um verso de pé quebrado e a turma toma para ler, ao som de largas e debochadas gargalhadas. Eu pagando micos em abundância.

Vou, até para espantar o medo, fazendo um batuque na mesa. Tem algo de Baden na minha ilusão, no centro de minha autoestima. Se tem lua no céu nem sei. Fico pálido, sentado na mesma posição. Sinto os olhos turvos do inimigo na espreita. Luto com ele, nocauteio, venço a luta, mas saio com sequelas. Sérias sequelas. Tenho medo de perder o paladar para a loira gelada, o limão cortado em duas metades. Medo de não respirar, esquecer o nome do garçom, a utilidade do menu. Uma cerveja que tomei aos pequenos goles, agora já quente. Melancolia. Meia noite. Transformo-me em lobi-somem e estou imune. Pelo menos até o nascer do dia.



SILÊNCIO E DISTÂNCIA

ZANILDA FREITAS

Ouvi o som dorido de um sino em minha mente; seria um chamado de Deus? Não quero ir. Recuso-me a ouvir esse chamado.

Chorar diante da dor é lavar as emoções como a chuva lava as árvores empoeiradas.

O inimigo é invisível, sutil e tem a gula dos devoradores.

Esconder se faz necessário.

Esconder onde? Como? Minha casa não é esconderijo nem prisão, mas aqui estou enclausurada por meses, remoendo a solidão ou tentando driblar os momentos de angústia e medo.

Existe uma palavra estranha no ar, *loquidau* – que quer dizer “fique em casa, fique em casa e não receba seus filhos, seus netos, nenhum familiar nem os amigos”. Como assim? Ninguém? Tenho que suportar não falar com ninguém? O silêncio é gritante e, ao mesmo tempo, estranhamente silencioso.

Há poucos dias, meu irmão e meu filho conseguiram, por duas vezes, driblar o tal *loquidau* e vieram ficar comigo, mascarados e sem abraços. Mesmo assim, curtimos altos papos, filmes com direito a pipocas e risos; o inimigo ficou temporariamente recrudescido. Quebrei um pouco da rotina de limpar tudo o dia todo: banheiros, cozinha, piso, portas, paredes e até janelas. Eu nunca havia percebido que uma casa desse tanto trabalho. Antes, tudo me parecia normal, mas agora vejo poeira fina e qualquer manchinha de sujeira que passavam despercebidas. Já pensei até em raspar a cabeça *no zero*, pois minha competente e elegante secretária para assuntos de faxina, que não pode mais vir em meu socorro, nunca me falou da quantidade de cabelos que se espalham no piso por

todos os cantos. Sem contar que eu sequer tenho problemas com queda de cabelos. Todos os dias limpo os telefones, o PC e as telas das tevês - mesmo morrendo de medo das más notícias. Até as vasilhas da cozinha parecem exigir de mim um trato diário, porque olho pra elas e elas me olham parecendo dizer:

– Oi, estou aqui; pode me lavar novamente?

O pior de tudo é quando chega alguma compra ou alimento que solicito pelo tal *delivery*, ou mesmo quando, burlando o inimigo – de calça jeans, blusa de mangas longas, máscara, óculos, chapéu, tênis e meias – vou ao supermercado, ao verdurão ou à farmácia. Ao chegar tenho que fazer todo aquele processo de deixar os sapatos do lado de fora, calçar um chinelinho, que já estava à minha espera do lado de dentro, e, sem tirar a tal máscara, começo a batalha contra o inimigo invisível. As sacolas de plástico são borrifadas com o tal álcool 70°, depois lavo-as com detergente antes de serem descartadas, pois, sem vergonha de dizer, sempre as reutilizo. É uma maratona de mais de uma hora até que possa me despir, colocar a roupa na lavadora, retirar a máscara - que também será alcoolizada para descarte. Daí, direto para o banho e lavar os cabelos.

Não posso ficar ociosa, preciso fazer exercícios, pois a academia também foi vítima do tal *loquidau*. Está difícil. Leio, tento escrever e não consigo concatenar boas ideias.

Uma tarde, alguém tocou a campainha; fui atender, uma moça que eu nunca havia visto estava à minha frente com um enorme buquê de flores, uma bela cesta de finas iguarias e uma garrafa de vinho. Isso foi mágico e emocionante! Minha nora, que reside fora do país, em uma manobra especial, enviou-me esse mimo. Foi um momento lindo, de pura gratidão, do qual jamais vou me esquecer. Emocionada chorei e a moça da entrega também chorou e riu comigo.

– Oi, sogra, tudo bem com você? Quase véspera do dia das mães, seu filho e eu ficamos pensando em você aí sozinha, trancada

em casa... Imaginamos o que poderíamos fazer pra te alegrar um pouquinho. Junto com as flores e iguarias, lá vai um vinho pra você saborear com gosto... *(Que estranho! O que era um bilhete escrito cria vida, eu leio e meus olhos se turvam, meus ouvidos, porém, colhem algo... é a voz dela nítida e emocionada...)* com gosto, dar um drible na sozinha. Lembre-se de nós aqui nos *isteites*, dos seus netos, do bisnetinho, das nossas viagens, fique alegre, cante e dance com a taça!

As lágrimas brotaram, naturais; na garganta, algo criou volume e quase doeu. Não consegui dizer “muito obrigado” à moça da floricultura, que chorou comigo.

Projeto desenvolvido pela
CONTATO COMUNICAÇÃO,
composto em estação Macintosh,
fonte Jaager Daily News, corpo 12 sobre 16,
em Goiânia,
no mês de março de 2022
com impressão da
CONTATO COMUNICAÇÃO